

Ensino de Geografia e a Formação de Professores



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Ensino de Geografia e a Formação de Professores



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Ensino de geografia e a formação de professores

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E59 Ensino de geografia e a formação de professores [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: World Wide Web.
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-370-5
DOI 10.22533/at.ed.705200409

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino.
3. Professores de geografia – Formação. I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea “Ensino de Geografia e Formação de Professores”, cuja diversidade teórica e metodológica está assegurada nos capítulos que a compõem. Trata-se de uma representação da ordem de quatorze capítulos de professores, técnicos e pesquisadores oriundos de diferentes instituições brasileiras.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento da Educação Básica no país em consonância com a formação inicial e continuada de professores. Por isso, reitera-se a oportunidade em debater o Ensino de Geografia e sua atualidade com os currículos, práticas de ensino, didáticas, metodologias e desafios da formação de professores na Educação Básica, bem como os pesquisadores que convergem no reconhecimento da escola como um lugar singular da aprendizagem, do convívio e da efetivação de políticas públicas para o desenvolvimento de um país.

Assim, reconhecemos “a aula como um jogo em que os participantes vão trabalhar para atingir uma meta: a aprendizagem significativa, que tanto professores como alunos devem almejar” (PASSINI, 2013, p. 13)¹. Eis, um desafio constante para o Ensino de Geografia e a formação de professor seja num contexto anterior ou pós-Pandemia (COVID-19).

Nos capítulos 1 e 2 que abrem a Coletânea, os autores e as autoras tecem considerações importantes sobre os livros didáticos no Ensino de Geografia e tecem leituras sobre as aplicações e desafios nos Ensinos Fundamental e Médio.

Os capítulos 3 e 4 apresentam análises sobre diferentes paisagens do Cerrado e rurais – urbanas, enfatizando os anos iniciais do Ensino Fundamental. Enquanto os capítulos 5 e 6 desvendam os fazeres das escolas do campo no Rio Grande do Sul e Mato Grosso, ou seja, são leituras eloquentes a partir do registro de diferentes contextos escolares e geográficos.

Já nos capítulos 7, 8, 9 e 10 nota-se uma leitura singular sobre a Geografia Física na sala de aula, ou seja, os autores e as autoras tecem análises sobre climatologia geográfica, arborização urbana, conforto térmico, vulnerabilidade e Educação Ambiental a partir das práticas escolares, currículos, legislações, entre outros recursos, aplicações e estratégias que convergem aos saberes escolares no bojo da Educação Básica.

No capítulo 11, os autores fazem uma breve revisão de literatura sobre o uso do Google Earth no Ensino de Geografia. Trata-se de uma temática atual que revela a indissociabilidade entre a Geografia Escolar e as geotecnologias.

Enquanto o Capítulo 12 apresenta uma temática fundamental para as aulas de Geografia, ou seja, os estudos sobre os povos tradicionais de matriz Africana. Salienta-se que os autores fazem um panorama dessa agenda de pesquisa tão urgente para o país,

¹ PASSINI, Elza Y. Prática de ensino de geografia e o estágio supervisionado. São Paulo: Contexto 2013.

bem como para os currículos, livros didáticos e cursos de formação de professores.

Por fim, nos capítulos 13 e 14 os autores se debruçam sobre a questão moradia na Educação de Jovens e Adultos e um algumas reflexões sobre o Ensino de Geografia na Educação Básica, ou seja, são experiências salutares que revelam a multiplicidade do Ensino de Geografia.

Assim, esperamos que as análises e contribuições ora publicadas na Coletânea da Atena Editora propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates para compreensão da educação geográfica transformando as realidades, ensinando com criticidade, derrubando muros e barreiras com coerência metodológica e, sobretudo, estabelecendo diálogos e pontes para um novo presente-futuro.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A ABORDAGEM DO ESPAÇO PÚBLICO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO MÉDIO

Ricardo José Gontijo Azevedo
Malena Silva Nunes
Paulo Eduardo Alves Borges da Silva

DOI 10.22533/at.ed.7052004091

CAPÍTULO 2..... 13

O LIVRO DIDÁTICO E OUTROS RECURSOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: ALGUMAS LEITURAS

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.7052004092

CAPÍTULO 3..... 28

A PERCEPÇÃO SOBRE O BIOMA CERRADO DOS ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM DAVINÓPOLIS, GOIÁS, BRASIL

Bruna Rafaella de Almeida Nunes
Bárbara Moisés Nunes
Diogo Baldin Mesquita

DOI 10.22533/at.ed.7052004093

CAPÍTULO 4..... 46

A PAISAGEM RURAL E A PAISAGEM URBANA: COMO TRABALHAR ESSES CONTEÚDOS NOS ANOS INICIAIS?

Sérgio Naghettini

DOI 10.22533/at.ed.7052004094

CAPÍTULO 5..... 58

A LEITURA DAS PAISAGENS DAS TAPERAS COMO METODOLOGIA (PRÁTICA) DE ENSINO DA GEOGRAFIA NA ESCOLA DO CAMPO, CANGUÇU-RS

Keli Siqueira Ruas
Éder Jardel da Silva Dutra

DOI 10.22533/at.ed.7052004095

CAPÍTULO 6..... 71

A GEOGRAFIA NOS FAZERES E PRÁTICAS DO COTIDIANO: UM ESTUDO DA ESCOLA DO CAMPO EM POCONÉ/MT

William James Vendramini

DOI 10.22533/at.ed.7052004096

CAPÍTULO 7..... 80

DESCOBRINDO A CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA: NOVAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA COM USO DE INSTRUMENTOS METEOROLÓGICOS

Ester Medeiros de Albuquerque Katharenhuka
Beatriz Alves da Cruz Paula

Adilson Ribeiro de Araújo
William James Vendramini
DOI 10.22533/at.ed.7052004097

CAPÍTULO 8..... 93

CONSCIENTIZAÇÃO DA POPULAÇÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ARBORIZAÇÃO URBANA PARA O CONFORTO TÉRMICO

Breno Vinicius Camara de Souza
Fernanda de Assumpção Soares
Lucas César Frediani Sant' Ana
Marcelo Bussola
Thalia Fernandes Barreto

DOI 10.22533/at.ed.7052004098

CAPÍTULO 9..... 96

RESILIÊNCIA PARA OS MAIS VULNERÁVEIS FRENTES ÀS CHUVAS FORTES E/OU PROLONGADAS: ESTUDO DE CASO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Marcelo Abranches Abelheira
Alexander de Araújo Lima
Orlando Sodré Gomes
Katia Regina Alves Nunes
Jorge Luiz Pinho Domingues
Ana Lúcia Nogueira Camacho
André Luiz Moura de Oliveira
Leandro Vianna Chagas
Simone Costa Rodrigues da Silva
Daniel Gleidson Mancebo de Araújo
Samir de Menezes Costa
Nelson Martins Paes

DOI 10.22533/at.ed.7052004099

CAPÍTULO 10..... 118

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DO DOCUMENTO CURRICULAR DO TOCANTINS

Katiane da Silva Santos
André de Oliveira Moura Brasil
Evandro Frois de Sousa
Maria Jacy Noletto Jácome
Christiano Sousa Viana

DOI 10.22533/at.ed.70520040910

CAPÍTULO 11..... 131

A FERRAMENTA GOOGLE EARTH NO ENSINO DA GEOGRAFIA: REVISÃO DE LITERATURA

Daniel Parise
Mauricio Jose Alves Bolzam

DOI 10.22533/at.ed.70520040911

CAPÍTULO 12.....	141
GEOGRAFIA DA RELIGIÃO E O ESTUDO DOS POVOS TRADICIONAIS DE MATRIZ AFRICANA	
Rosana Pereira de Brito Josenilton Balbino de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.70520040912	
CAPÍTULO 13.....	149
VETORES DA QUESTÃO MORADIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): UM ENFOQUE INTERDISCIPLINAR	
Juliana Souto Santos	
DOI 10.22533/at.ed.70520040913	
CAPÍTULO 14.....	162
REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Laurentino Bernardes Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.70520040914	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	172
ÍNDICE REMISSIVO.....	173

CAPÍTULO 12

GEOGRAFIA DA RELIGIÃO E O ESTUDO DOS POVOS TRADICIONAIS DE MATRIZ AFRICANA

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 26/05/2020

Rosana Pereira de Brito

Universidade Federal de Rondonópolis-UFR

Josenilton Balbino de Melo

Universidade Federal de Rondonópolis-UFR

RESUMO: Os povos tradicionais de Matriz Africanas se reconhecem como unidade de resistência dentro do território brasileiro. Os mesmos se caracterizam pela manutenção de pequenas áfricas no Brasil, constituindo territórios próprios que são marcados pela vivência em comunidade, os mesmos se sustentam em uma luta diária, desde a diáspora dos africanos escravizados que chegaram ao Brasil no início do século XVI, trazendo na bagagem uma cultura riquíssima, de origem identificável cronologicamente e geograficamente. Três grandes grupos vieram em maior número: Bantu, Fon e Yorubá, marcando com muita propriedade na construção de parte do nosso vocabulário atual, com a inserção de sua língua, sua cultura e seus costumes, especificamente o Quimbundo muito utilizado nas casas de Religião Tradicional de Matriz Africana. Compreendem o território como espaços vividos e apropriados para vivenciar o sagrado, possuem uma diversidade integradora, mas não homogênea. Essa ritualização e afirmação identitária se dá nos espaços reconhecidos e chamados de terreiros ou roças de candomblé, onde vivenciam suas

práticas e constroem seus símbolos. Negar estes espaços como território de um povo é negar toda uma civilização, e o mesmo que dizer que a África não existe e nem faz parte do mundo. Percebemos a necessidade de aplicação e manutenção das leis já existentes, visto que muitos terreiros sofrem ataques constantemente por manifestarem uma religião diferente das que grande parte da sociedade branca brasileira pratica. Muitos grupos tentam de toda forma se apropriar e expropriar os direitos desse povo tomando para si essa riqueza cultural material e imaterial que esse povo dividiu conosco.

PALAVRAS CHAVE: Território. Tradição. Espaço sagrado. Geografia.

GEOGRAPHY OF RELIGION AND THE STUDY OF THE TRADITIONAL PEOPLES OF AFRICAN MATRIX

ABSTRACT: Traditional African Matrix peoples recognize themselves as a unit of resistance within Brazilian territory. They are characterized by the maintenance of small Africas in Brazil, constituting their own territories that are marked by experience in community, they are sustained in a daily struggle, since the diaspora of enslaved Africans who arrived in Brazil in the beginning of the 16th century, bringing baggage a rich culture, of origin identifiable chronologically and geographically. Three large groups came in greater numbers: Bantu, Fon and Yorubá, with great propriety in the construction of part of our current vocabulary, with the insertion of their language, their culture and their customs, specifically the Quimbundo widely used in houses of Traditional Religion of African Matrix.

They understand the territory as lived and appropriate spaces to experience the sacred, they have an integrating diversity, but not homogeneous. This ritualization and identity affirmation takes place in the spaces recognized and called *candomblé terreiros* or gardens, where they experience their practices and build their symbols. To deny these spaces as the territory of a people is to deny an entire civilization, and the same as saying that Africa does not exist and is not part of the world. We perceive the need to apply and maintain existing laws, since many *terreiros* are constantly under attack for manifesting a religion different from that which a large part of white Brazilian society practices. Many groups try in every way to appropriate and expropriate the rights of this people, taking for themselves this material and immaterial cultural wealth that these people shared with us.

KEYWORDS: Territory. Tradition. Sacred space. Geography.

1 | INTRODUÇÃO

A geografia da religião tem como parâmetro o condicionamento da análise do sagrado e da análise espacial. Certos geógrafos têm resistência ou insegurança de irem além da análise funcional, fato esse devido que o fenômeno religioso está além das implicações espaciais imediatas (GIL FILHO, 2008).

Essa ocorrência apoia-se na compreensão de que a expansão territorial desse espaço sagrado é uma conduta inerente ao fazer religioso dos povos Tradicionais de Matriz Africana, compreendendo por sua vez o território como espaço vivido e apropriado para vivenciar o Sagrado. Nesse território será construída uma identidade e cada roça tem suas especificidades e são independentes umas das outras. Os Povos Tradicionais de Matriz Africana estão em constante movimento, possuem uma diversidade integradora, mas não são homogêneos em sua essência.

O artigo 3º, Inciso I, Decreto 6.040/2007 define como Povos e Comunidades Tradicionais os “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usa o território e os recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”.

Em todo território nacional são vivenciados nas chamadas “roças de *candomblé*” valores de organização coletiva, relação com o universo sagrado e as tradições que são preservados a muito custo neste universo globalizado.

Se por um lado a globalização nos possibilitou o conhecimento de muitas culturas, religiões e sociedades, tornou-se bem perigosa se levarmos em consideração que essa globalização é excludente, como diria Milton Santos, a visão de uma nova horizontalidade na luta dos oprimidos contra a verticalidade dos opressores é comovente e estimulante. Essa nova globalização exclui a maioria que não consegue “consumir o Ocidente globalizado”.

A dimensão histórica, social e cultural dos territórios negros constituídos no Brasil é constantemente reafirmada pelos povos tradicionais de matriz africana do qual fazem parte

a religiosidade e a religião, item esse relacionado diretamente com o território onde se vivencia e se cria uma relação com o sagrado, que também são amparados pelos princípios que regem o decreto nº 6040/2007, art. 1º, Inciso 1: “(I) reconhecimento das comunidades tradicionais, levando-se em conta os recortes raciais, de gênero, [...] e religiosidade e ancestralidade”. O artigo 3º do mesmo decreto nos fornece à dimensão legal e a importância de território para o povo do santo. É o primeiro objetivo específico do decreto “garantir aos povos e comunidades tradicionais seus territórios, e o acesso aos recursos naturais que tradicionalmente utilizam para sua reprodução física, cultural e econômica”.

2 | POVO, TRADIÇÃO, TERRITÓRIO E RELIGIÃO

O tráfico de africanos escravizados começou em 1545 quando Martin Ferreira estabeleceu comércio com a África. Os espanhóis fizeram investimentos no tráfico de escravos para atender a demanda de suas terras conquistadas na América. As pessoas eram sequestradas de diferentes partes da África, e eram trocadas por mercadorias europeias. Entre os séculos XVI e XIX chegaram vivos nas Américas cerca de 11 milhões de negros africanos oriundos de diversos países do Continente Africano, para o Brasil foram trazidos cerca de cinco milhões de africanos na condição de escravos, de origem Bantu, Ewé, Efon, Yoruba, Ijexá, Savé, Quimbundo, Nbundo, Haussás, Fulas e outros povos com vários segmentos étnicos (ALENCASTRO, 2000).

Esse relato poderia explicar a diversidade de idiomas e tradições, preservados até hoje nos territórios brasileiros pelos povos tradicionais de matriz africana. Esses povos por uma questão de sobrevivência tiveram que se unir, ou seja, existia a presença de várias tribos que eram inimigas em seu país que se tornaram irmãs para se defenderem dos seus algozes escravocratas.

Os Povos Tradicionais de Matriz Africana se sustentam numa luta diária, desde a diáspora dos africanos que chegaram ao Brasil; povos com cultura de origem identificável cronologicamente e geograficamente, incluindo perdas e desaparecimentos tanto quanto resistência e renovação.

Os Povos Tradicionais de Matriz Africana estão sempre se reinventando para preservar e manter suas tradições, sua fonte de saber e sua identidade. São povos que se mantêm em constante alerta, povos em luta contra os que querem a todo custo enfiar goela baixo desse povo a sua verdade religiosa como sendo absoluta. Os Povos tradicionais de Matriz Africana não são um povo homogêneo em sua essência, possuem uma diversidade integradora.

Segundo Oliveira (2011), dentro do território brasileiro possuímos três grandes grupos presentes em maior número; Bantu (o), Fon e Yorubá, não só a partir das suas divisões linguísticas e seus espaços geográficos, mas de seus padrões culturais, sociais, ritualísticos, alimentares e performáticos.

O grupo Bantu (o) influenciou fortemente nossa cultura e é considerado o berço linguístico, ou seja, sua língua difundiu-se em outras línguas africanas o que lhes dá certa semelhança. Acredita-se que a língua banta se iniciou onde hoje fica Camarões e Nigéria (África Ocidental) em um dado momento não se sabe o motivo, que parte dessa população iniciou uma expansão ao leste e ao sul, povoando territórios até então desocupados, expulsando e se misturando aos povos que encontravam nesses territórios, foram assimiladas mantendo traços característicos dos Bantos. Os mesmos viviam em Aldeias comandadas por um rei banto, subsistiam da caça e da pesca e mantinham conhecimento de metalurgia.

Muitos desses povos foram trazidos para o Brasil no processo de escravidão, ajudando a construir parte do nosso vocabulário atual, com a inserção de sua língua, sua cultura e seus costumes, mais especificamente do idioma Quimbundo muito utilizado nas casas de Religião Tradicional de Matriz Africana. Assim como os Congos, os Cabindas, Benguelas e tantos outros que tiveram importante papel na criação da Religião Afro-brasileira, especialmente o Candomblé de Angola e Congo Angola. Esses grupos escravizados foram levados principalmente para os Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais. Os negros foram escravizados juntos com os índios nas fazendas dos jesuítas e dos senhores de engenho. Eles receberam dos indígenas o segredo das plantas, da terra e criaram os primeiros candomblés, chamados de Calunduns.

O grupo dos Fon, tradicionalmente chamados de sudaneses, destacaram-se no Brasil pela representatividade numérica diante dos procedentes da mesma região, de língua ioruba e do grupo ewe-fon, pertencentes à família linguística kwa, termo que significa “homem” em muitas dessas línguas. Os africanos escravizados desse grupo teriam entrado predominantemente pelo porto da Cidade da Bahia, predominando nessa Província, na qual os escravos eram adquiridos pela troca de produtos como a aguardente e o fumo do Recôncavo Baiano. O grupo ewe-fon ou gbe – Yeda Pessoa de Castro adota a denominação mina-jeje, nessas variantes essas línguas teriam predominado na chamada Costa da Mina e seus falantes teriam sido trazidos pelo tráfico negreiro desde a metade do século XVII até o Século XIX. No Brasil esses povos receberam diferentes denominações, tais como mina, jeje, aladá, mahi, marrim, mundubi e outros. Esses negros escravizados já encontram uma tradição religiosa organizada, herdaram vários elementos, mas trazem muitos recursos importantes da própria tradição jeje e uma segunda tradição toma corpo (Jeje ou Efon).

Os Yorubá, grupo étnico que hoje, na sua grande maioria se concentram na Nigéria, em menor parte no Benin e em sua minoria em Togo e Gana, todos na África negra. O grupo étnico Yorubá é subdividido em vários grupos tais como os: Ketu, Òyó, Ijesá, Ifé, Ifon, Ègba, Èfon, etc. Esses deram origem à religião dos Orixás, o termo Yorubá aplica-se a grupo linguístico de vários milhões de indivíduos. Fora a linguagem, os Yorubás estão unidos por uma mesma cultura e tradições de sua origem comum, na cidade de Ilê-Ifê.

No Brasil Yorubá é usado como ferramenta na liturgia e cultos de candomblé.

Possuem uma raiz única, mas com particularidades que absorveu em território brasileiro com a vinda dos africanos escravizados, fazendo com que ele seja diferente daquele falado na Nigéria, no Benin etc., existem registros que datam o idioma Yorubá de seis mil anos. Como comparativo, o catolicismo que é usado como referência religiosa existe há dois mil anos, então antes desse período, do outro lado do Atlântico, já existia uma filosofia, uma forma própria de constituir uma sociedade. Além de se misturarem entre si, as tradições africanas receberam influências das culturas encontradas aqui (indígenas e portuguesas). Este cruzamento é a base para a criação de religiões como a umbanda, o catimbó e a jurema nordestina.

Para Sodré (1988), a origem das tradições de matriz africana não tem início cronológico, mas, sim, o “eterno impulso inaugural da força de continuidade do grupo”. A ritualização da origem e do pertencimento dos povos tradicionais de matriz africana se dá nos lugares conhecidos no Brasil como Roças de Candomblé, Terreiros de Candomblé, ali eles vivenciam suas práticas e constroem seus símbolos. O tempo para o povo de matriz africana tem uma conotação diferente do que a sociedade ocidental está acostumada. Pensam e vivenciam o presente, apontando para o futuro ao mesmo tempo em que, se apoiam nos ensinamentos tradicionais, o que os remetem para a ancestralidade e a origem.

Os Terreiros e as Roças de Candomblé têm uma complexa sociedade dentro da sociedade, tentam manter a tradição dos mais velhos, sem deixar de receber os mais novos que darão continuidade ao legado. A tradição para os povos tradicionais de Matriz Africana é um aspecto vivo da cultura que não se prende de forma fixa ao passado, o reinventa sem perder as raízes e as origens, tendo a perspectiva do movimento da história na construção do presente e do futuro. Quando foi negado aos africanos escravizados “falar” sua língua, foi como se tivessem cortado um membro desse negro, pois negar sua língua é negar seus costumes, sua cultura e suas tradições.

A palavra tem um poder vital para os povos tradicionais de matriz africana, pois é de onde vem toda sua força, pois a mesma é uma exteriorização de forças vitais universais e de forças vitais das pessoas. Como a religião desses povos não tem livros, nem bíblias, a oralidade foi a forma encontrada pelos mais velhos para que essa tradição não se perdesse pela oralidade se transmite a essência do ser, o *Iwá*, em Yorubá, que são virtudes, qualidades e caminhos que a pessoa possui ou possa vim a ter em sua vida.

A capacidade de pertencimento, entendimento e aceitação dos processos vividos nesses espaços sagrados passam pelo domínio da língua e da linguagem corpórea, rítmica e musical, dando a esse povo a valorização e reconhecimento da sua identidade como membro efetivo e participante dessa sociedade tão racista e excludente.

[...] Foram e ainda são quilombos as comunidade de terreiro que ao longo da história do negro no Brasil mostraram ter sido o lócus de engendramento por suas características especiais de útero mítico, que possibilitou a reaglutinação dos elementos fundamentais para a manutenção do negro enquanto grupo e

Os territórios sagrados são espaços de alta complexidade, por serem onde se ritualizam origem e destino, formam a cultura, as representações e os valores ancestrais. São espaços que buscam o pertencimento, lugares de resistência, transmissão de conhecimentos e preservação da identidade, sendo esse território mítico e político. A tradição e a identidade religiosa são vínculos intrínsecos e indissolúveis para os povos tradicionais de matriz africana. Os territórios tradicionais ensinam a não separação do sagrado das outras dimensões da vida da pessoa e da comunidade, são espaços de mediação entre o material e outras manifestações da vida.

Nessa qualificação dos espaços negros, a primeira referência colocada para o pensamento, tanto no aspecto concreto quanto na forma de categoria analítica, é a Terra. Dela partem as noções antigas e contemporâneas de territórios e de terreiros ou roça. Para as culturas originárias e ancestral africana, só se concebe a terra como parte do cosmo. E, como tal, necessariamente ligada a uma cosmogonia que lhe confere valores e significados completamente distintos das concepções ocidentais mesmo aquelas que conseguem atingir a dimensão do estudo do espaço sideral de forma mais avançada e menos ortodoxa (OLIVEIRA, 2011).

Os enfrentamentos das violências sofridas, que incluíam tanto a violência física quanto a violência psicológica, incluíam também a destruição das relações comum e de parentesco, exigindo desse povo um ajuntamento grupal solidário em todos os aspectos, esses espaços foram criados numa tentativa de recriação e revitalização do universo que foi arrancado brutalmente desses africanos escravizados, para a retomada do contato mítico e místico com a matriz, com a sua origem, com a África, origem tanto geográfica quanto simbólica, uma fonte que os remetia ao original agora tão distante fisicamente.

Sodré (1988) afirma que uma África qualitativa que se faz presente, condensada, reterritorializada, espaços construídos em diferentes localidades, inicialmente mais afastados das áreas urbanas depois em todo local onde fosse possível. Pois para os povos tradicionais pouca importa a pequenez quantitativa do espaço topográfico do terreiro, pois ali, pouco a pouco vão organizando por intensidade, a simbologia de um Cosmo.

Ao resistirem em territórios específicos (roça, terreiros) receberam diferentes nomes: seitas, cultos e por último, apenas como prática religiosa, sendo essas nomenclaturas absorvidas em cada geração. Negar estes espaços como território de um povo é uma forma de não reconhecer a sociedade africana como modelo civilizatório e de impor um modelo externo de exploração da natureza como única via possível (ALVES; CARVALHO, 2008 apud BRASIL, 2016).

As complexidades da cultura e povos tradicionais de matriz africana foram preservadas e continuamente reconstruídas, mas hoje correm risco de toda ordem de perdas. O racismo, a violação dos direitos, a discriminação religiosa, a difamação pela

mídia, as dificuldades financeiras, o desenfreado avanço imobiliário coloca em risco a existência de um patrimônio material e imaterial de um povo milenar, o que implicaria numa perda enorme para a história e preservação do próprio país.

A relação com o sagrado é um dos elementos que constituem a complexa dimensão dos conceitos de povos e comunidades tradicionais de matriz africana. Tratar esses grupos sociais com olhar além de seu caráter religioso é de extrema importância para a construção de políticas públicas que favoreçam esse segmento da sociedade brasileira.

A tradição é muito mais que religião. Os povos tradicionais de matriz africanas se reconstróem diariamente, pois são as maiores vítimas dos roubos epistemológicos e de apropriação indébita de sua cultura. Os povos tradicionais de matriz africana historicamente levaram para as ruas indícios do seu sagrado, simbologias reconfiguradas de objetos litúrgicos, vestimenta, música, cânticos, danças, alimentos. Entre esses, o samba e suas vertentes (o samba de roda baiano, o samba de roda paulista, o samba carioca, o batuque, o carimbó do Pará, entre outros) os maracatus de Pernambuco, os Bumbá do Maranhão, os Afoxés de Salvador que com seu ilus (atabaques), agogôs, xequerês percute o ritmo sagrado do “Ijexá”, todos esses elementos citados nos mostram a influência da cultura negra dos povos tradicionais, todos os símbolos levados às ruas tem seu significado e não estão lá à toa.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os povos e comunidades tradicionais nas últimas décadas têm sido alvo de muitos olhares por parte de cientistas sociais, do Poder Público e da sociedade em geral. Estivemos presentes em maio/2018 n 4ª Conferência Nacional da Promoção e Igualdade Racial (CONAPIR) em Brasília no Distrito Federal, com o tema “O Brasil na década dos afrodescendentes: reconhecimento, justiça, desenvolvimento e igualdade de direitos”, foram tratados diversos temas em diferentes grupos temáticos.

O GT 11 no CONAPIR, tratava especificamente dos povos tradicionais de Matriz Africana, estiveram reunidas nesse eixo, diversas autoridades religiosas e representantes de várias regiões do Brasil. O eixo tratava de temas específicos e que afetam diretamente esses povos, dentro desses temas, cada grupo debatia e dava a devida relevância e importância para cada um.

Os Povos Tradicionais de Matriz Africana foram formados a partir de três grandes grupos étnicos escravizados e vindos da África; os Bantu, os Fon e os Yorubás. Esses grupos deram origem aos Povos Tradicionais de Matriz Africana que são na atualidade o maior exemplo de resistência e afirmação de um povo, em seus territórios sagrados vivenciam o território como espaço vivido e apropriado para cultivar e exaltar seus orixás. Muitas políticas públicas precisam ser implementadas e colocadas em prática para que essa cultura não se perca e nem seja destruída pelos que julgam que o diferente é negativo.

Esses povos só pedem o direito que é garantido pela Constituição Federal de praticar sua religião sem interferências de outros grupos religiosos avessos a essa cultura, tão importante na formação do nosso vocabulário com sua língua, sua cultura, seus costumes e sua religião.

Num país que rasga sua constituição, fecha as portas para a minoria, onde o acarajé de Yansã é rebatizado como “bolinho de Jesus” para se “purificar” e deixar de ser alimento do demônio, onde a Capoeira, uma luta de resistência dos negros se torna Capoeira Gospel, se faz necessária à aplicação das leis já existentes e da criação de outro caso tenhamos a necessidade, para que a sociedade brasileira reconheça a riqueza cultural material e imaterial que esse povo dividiu conosco.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, L. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm. Acessado em: 17 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Justiça e Cidadania. **Cartilha: Povos e Comunidades tradicionais de matriz africana**. Brasília-DF: Secretária Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e Secretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais, 2016.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço sagrado**: estudo em geografia da religião. Curitiba: IBPEX, 2008.

OLIVEIRA, Paulo César Pereira. **Povos tradicionais de matriz africana**. Texto apresentado no Seminário “Territórios das Matrizes Africanas no Brasil”, Brasília, 14 e 15/12/2011.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2001.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1988.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizado 35, 36, 45, 54, 69, 73, 84, 86, 102, 150, 171

Aprendizagem 26, 27, 28, 29, 30, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 54, 56, 61, 63, 67, 70, 72, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 97, 102, 103, 104, 144, 145, 149, 152, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 185

Aquecimento Global 109, 110

Arborização Urbana 106, 108

B

Bioma Cerrado 41, 43, 46, 52, 53, 55, 56

C

Campo 33, 34, 42, 48, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 98, 100, 108, 112, 147, 148, 149, 162, 163, 178, 180, 185

Climatologia Geográfica 93, 96, 103, 104

Currículo 56, 59, 60, 72, 131, 132, 136, 137, 139, 140, 145, 152, 166, 173, 176, 179

D

Defesa Civil 89, 100, 109, 110, 112, 113, 114, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 129

Desastres 97, 109, 110, 111, 112, 113, 120, 127, 128, 129, 130

E

Educação 14, 21, 24, 26, 28, 29, 31, 38, 39, 40, 44, 45, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 70, 71, 72, 73, 77, 81, 84, 85, 86, 87, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 102, 103, 104, 106, 119, 120, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 144, 145, 147, 148, 149, 152, 162, 163, 165, 166, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185

Educação Ambiental 44, 45, 55, 57, 106, 119, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 147, 152, 179, 180, 181, 182, 183

Ensino 14, 15, 16, 17, 18, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 67, 70, 71, 72, 74, 75, 78, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 162, 163, 165, 166, 167, 169, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185

Ensino de Geografia 24, 63, 131, 132, 136, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 152, 173, 175, 177, 179, 181

Escola 24, 26, 27, 30, 35, 41, 42, 43, 44, 45, 53, 55, 56, 57, 59, 61, 63, 66, 68, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 96, 99, 101, 125, 142, 146, 147, 148, 151, 152, 153, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 177, 178, 179, 183

Espaço Público 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 179

G

Geografia 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 39, 40, 41, 43, 45, 46, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 79, 81, 82, 84, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 100, 102, 103, 104, 106, 129, 131, 132, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 170, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185

Geografia Urbana 14, 16, 24, 152, 183

Gestão 16, 17, 55, 110, 131, 139, 185

L

Livro Didático 14, 16, 17, 21, 26, 27, 28, 29, 30, 39, 40, 54, 55, 61, 62, 70, 88, 97, 103

N

Novas Práticas 93, 96, 97, 102, 180

P

Paisagem 26, 43, 47, 51, 53, 59, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 121, 178, 179, 180

Paranavaí 106, 107, 108

Práticas 14, 40, 43, 45, 54, 59, 63, 70, 71, 84, 85, 88, 89, 91, 92, 93, 96, 97, 98, 102, 103, 129, 134, 154, 155, 158, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 177, 180, 182, 183, 185

Práticas Educativas 59, 166

R

Rio de Janeiro 39, 110

Rural 52, 59, 62, 63, 65, 66, 67, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 107, 168

S

Saberes Docentes 41, 70

T

Taperas 71, 73, 74, 75, 77, 78, 80, 81

Tocantins 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142

U


Urbano 14, 16, 17, 21, 23, 59, 66, 67, 77, 85, 106, 107, 108, 110, 131, 148, 150


Ensino de Geografia e a Formação de Professores



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020


Ensino de Geografia e a Formação de Professores



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020